

CIÊNCIA E PARACIÊNCIA NA LITERATURA DE VIAGENS

António Manuel de Andrade Moniz

Introdução

A *Ciência na Universidade*, tema deste Encontro Interdisciplinar, concentra a própria natureza e a razão de ser desta instituição de ensino, já que é a Ciência e a sua investigação actualizada que constituem a matéria-prima e o próprio processo da sua laboração, numa relação pedagógica entre os vários sujeitos intervenientes.

A Literatura, para além do seu objecto próprio, enquanto Poética ou Ciência do Literário, representa um *corpus* aberto aos vários domínios do saber, cruzando-se interdisciplinarmente com as outras ciências sociais e humanas.

Mas a chamada *literatura de viagens*, enquanto expressão da experiência humana de deambulação e de encontro físico e cultural com a pluralidade de espaços, está particularmente vocacionada, mais do que qualquer outro género ou subgénero, para o diálogo intercultural com todas as ciências. Ela própria, no cruzamento entre o real e o imaginário, mas sempre na esfera do vivido, institui a descrição do mundo percebido, a *physis* e o *anthropos*.

Esta descrição não é feita com critérios científicos, mas o objecto representado reenvia elementos de convergência com o da natureza das várias ciências, pelo que usamos a designação de *paraciência* como expressão de tal convergência.

Ao fazê-lo, a Literatura ultrapassa a dicotomia entre a chamada *cultura literária* e a *cultura técnico-científica*, já há muito denunciada por C. P. Snow¹, indo ao encontro da superação do formalismo abstracto e o ideolo-

¹ Cf. C. P. Snow, *As Duas Culturas*, trad. port. Lisboa, Publicações D. Quixote, pp. 14 s.

gismo na arte literária, na linha preconizada por Mikhaïl Baktine², já que a arte não cria uma realidade inteiramente nova, mas reelabora-a e representa-a, humanizando a natureza e naturalizando o homem³.

No entanto, por uma razão metodológica, abordaremos separadamente as relações entre a literatura de viagens e as diversas ciências: as naturais e as sociais e humanas.

1. Literatura de viagens e ciências da natureza

Na linha da revolução epistemológica operada pelo Renascimento, D. João de Castro, Pedro Nunes, Duarte Pacheco Pereira, Fernando Oliveira, Francisco Rodrigues, João de Lisboa, André Pires, Manuel Álvares, Bernardo Fernandes, Pêro Vaz Fragoso, Gaspar Moreira são alguns dos nomes portugueses que contribuíram como pioneiros da intercomunicação científica planetária, a par das navegações dos seus compatriotas, realizando, como diz Luís Filipe Barreto, a “metamorfose do impossível em possível, do desconhecido em conhecido”⁴. Os livros de marinharia, os tratados técnicos sobre construção naval e a cartografia são os domínios desse pioneirismo, já evidenciado por V. Magalhães Godinho⁵.

A **arte náutica**, com os principais problemas ocorrentes e respectivas propostas de solução, a **orientação geográfica** no espaço marítimo e terrestre, o **exotismo** dos países tropicais, com a sua **fauna** e **flora** singulares, a prática **medicinal** da época, são algumas das vertentes interactuantes da literatura de viagens dos séculos XVI e XVII, designadamente do complexo texto dos relatos de naufrágios, inscrito na matriz cultural do **Humanismo renascentista**. Conhecer para deleitar (*delectare*), instruir (*docere*) e edificar

² “Avant tout, il importe de comprendre l’objet esthétique de manière synthétique, dans sa totalité, de comprendre la forme et le contenu dans leur interrelation essentielle et nécessaire, de comprendre la forme como forme de contenu, et le contenu, comme contenu de la forme, enfin de comprendre la spécificité et la loi de ces relations mutuelles [...]. La forme et le contenu ne font qu’un dans le discours compris comme phénomène social” (*Esthétique et Théorie du Roman*, trad. franc. Paris, Gallimard, 1978, pp. 81 e 85).

³ “L’activité esthétique ne crée pas une réalité entièrement nouvelle. À la différence de la connaissance et de l’acte, qui créent la nature et l’humanité sociale, l’art célèbre, orne, évoque cette réalité préexistante de la connaissance et de l’acte – la nature et l’humanité sociale – les enrichit et les complète et, avant tout, crée l’unité concrète, intuitive de ces deux mondes, place l’homme dans la nature, comprise comme son environnement esthétique, humanise la nature et ‘naturalise l’homme’” (*Id, ib.* p. 44).

⁴ Luís Filipe Barreto, *Os Descobrimentos e a Ordem do Saber. Uma análise sociocultural*, Lisboa, Gradiva, 1987, p. 10.

⁵ “A grande contribuição dos Portugueses vai ser traduzir pela primeira vez num sistema de cartografia científica o Índico e o Extremo Oriente” (V. M. Godinho, *Mito e Mercadoria, Utopia e Prática de Navegar*, Lisboa, Difel, 1990, p. 77).

(*movere*) constitui, assim, um imperativo que, na pluralidade de funções que a retórica antiga consagrou, visa a **integralidade do ser humano**: razão, instinto, emotividade, acção.

Inserida no fenómeno da maior mutação do espaço humano, operada no século XVI, como reconhece Pierre Chaunu⁶, a literatura da Expansão, desde a cronística e historiográfica, de João de Barros a Diogo do Couto e António Bocarro, à épica e à sátira, nas quais avultam *Os Lusíadas* e a *Peregrinação*, como astros de primeira grandeza, passando pelos relatos de naufrágios, e em particular os coligidos, no século XVIII por Bernardo Gomes de Brito, na *História Trágico-Marítima*, explícita, como nenhuma outra, a abertura científica, cultural, política e económica da Europa ao Mundo.

Em todos estes textos, desfila aos olhos do leitor atento a unidade naval quinhentista, nau ou galeão, com os seus elementos estruturais e acessórios, de proa a popa, do porão ao convés, não esquecendo a armação do velame, com mastros, enxárceas e vergas⁷. Aparelhos e instrumentos de marear, manobras de navegação, acções de recurso e tentativas de ultrapassagem de acidentes completam o quadro representado, numa linguagem que combina o rigor do objecto visualizado com a expressividade da vivência do sujeito.

Um dos primeiros textos da literatura portuguesa de viagens do século XVI é o *Esmeraldo de Situ Orbis*, de Duarte Pacheco Pereira, no qual se confrontam os dados do saber antigo e os da experiência nova: “e como que en tam pouco tempo vossa qlte-/za descubrisse quasy mil e quinhentas leguas / alem de todos os antigos e modernos as quaes nun-/ca foram sabidas nem nauegadas de nenhuma / nasçoés deste nosso ocidente agora por moor se-/guransa desta nauegaçam comvem que vossa / alteza mande tornar a descobrir e hapurar es-/ta Costa do Ilheo da Cruz em diante”⁸.

A rota (*derrota*) da viagem e torna-viagem, na Carreira da Índia, é sempre devidamente assinalada quase com rigor geográfico, registando os relatos as *calmarias* na costa da Guiné⁹, causa de graves doenças, ou os ven-

⁶ “Le XVI e siècle, c’est d’abord, de notre point de vue, la plus grande mutation de l’espace humain. Le désenclavement de tous les espaces maritimes s’opère en trente ans. [...] Il a fallu quinze ans, à peine, aux Portugais, pour contrôler l’ensemble de l’océan Indien. [...] En cinquante ans, le monde s’est soudé au sommet [...]. La conquête spirituelle du XVIe siècle connaît des précédents, mais celle est, à proprement parler, sans équivalent” (Pierre Chaunu, *Conquête et Exploitation des Nouveaux Mondes*, Paris, PUF, 1969, pp. 7. 8).

⁷ Cf. V relato da *História Trágico-Marítima*, coligida por Bernardo Gomes de Brito, Lisboa, Congregação do Oratório, Livraria d’ Alcobaca, 1735, T. I, *passim*.

⁸ Duarte Pacheco Pereira, *Esmeraldo de Situ Orbis*, “Porllogo”, fol. 4, l. 25-31, ed. B. de Carvalho, p. 175.

⁹ “[...] meteo-fe tanto na terra da Còfta de Guinè, que eftivemos muito perto de acabar aqui todos, por fer Inverno nefta paragem, e partirmos tarde de Portugal, e virmos aqui ter na força d’elle, onde fãõ tudo ventos do mar, que correm a terra, Sul, Suduèfte e Sufuduèfte, taõ rijos e de tantas chuvas e trovoadas, que andãmos nefta paragem, bordo ao mar, bordo à

tos contrários na costa de S. Tomé¹⁰, ou, ainda, os *abrolhos* na costa do Brasil¹¹, não deixando de expor os inconvenientes de cada uma das rotas a seguir após a passagem do cabo da Boa esperança, *por dentro* ou *por fora* da ilha de S. Lourenço, actual Madagáscar. A costa do Natal é chamada pelo padre Gonçalo da Silveira *o adro das naos que se perdem*¹², enquanto a ilha de Moçambique é tristemente conotada por João de Barros como o *cemitério* de muitos Portugueses¹³, não evitando a viagem *por fora* as doenças, como o expressa o *Roteiro* de D. António de Ataíde¹⁴.

No diagnóstico das causas de naufrágios, ocupa lugar de destaque a referência às condições e corte das madeiras, como em 1555 avisa Fernão de Oliveira: “A madeyra colhida verde conuerte o çumo em podridam, porq. a humidade he causa de corrupção em especial se he crua e indigesta então faz pior podridam e mays asinha se a retem mesturada cõ matereaa tenra, como he a das aruores no tempo do verão [...]. O tempo do inuerno nestas partes he nos meses do natal e janeyro e feureyro, nos quaes aqui se deue cortar a madeyra pera os nauios, ainda que feureyro jaa quasi he do veram, e nam muy auto para cortar toda madeyra porque algua arrebenta jaa entam, senam for em terras mays frias, onde os inuernos sã mayores e as aruores soro-deas”¹⁵.

No campo das invenções técnicas, Frédéric Mauro evidencia o anel graduado de Pedro Nunes, o instrumento sem nome de João Baptista Lavanha (c. 1600) e a *armilha* náutica de Simão de Oliveira (1606)¹⁶. O significativo número de 32 cartógrafos portugueses do século XVI, entre os quais Jorge Reinel, D. João de Castro, Gaspar Correia, Fernão Vaz Dourado, Fer-

terra, bons tres mezes, com nos adoecer toda a gente; com que paffámos muitas, e muy grandes enfermidades, e enfadamentos” (VI relato da *História Trágico-Marítima*, *ib.*, T. I, p. 359).

¹⁰ Cf. III relato da *História Trágico-Marítima*, *ib.*, T. I, p. 172.

¹¹ Cf. VIII relato da *História Trágico-Marítima*, *ib.*, T. II, 1736, p. 69.

¹² Cf. *Documenta*, VI, in A. da Silva Rego, “Viagens portuguesas à Índia em meados do século XVI”, in *Anais da Academia Portuguesa da História*, II Série, V, Lisboa, 1954, p. 99.

¹³ “Cá [na ilha de Moçambique], depois que nefta viagem a India foi defcuberta té ora, poucos annos paffaram que á ida, ou á vinda que não invernaffem alli as noffas náos, e alguns invernou quafi toda huma Armada, onde ficou fepultada a maior parte da gente por caufa da terra fer mui doentio” (João de Barros, *Da Ásia*, Déc. I, I parte, L. IV, cap. IV, Lisboa, 1978, p. 297).

¹⁴ Cf. D. António de Ataíde, *Roteiro* (1631).

¹⁵ Fernão de Oliveira, *Arte da Guerra do Mar*, Coimbra, 1555 Lisboa, Arquivo Histórico da Marinha, 1937, p. 38.

¹⁶ Cf. Frédéric Mauro, *Le Portugal, le Brésil et l'Atlantique au XVII siècle (1570-1670)*, Paris, Centre Culturel Portugais, Fondation Calouste Gulbenkian, 1983, p. 59.

não Oliveira, Pêro de Magalhães de Gândavo, Manuel Mesquita Perestrelo e João Baptista Lavanha, só por si constitui um expressivo indicador do contributo nacional para este domínio científico que se cruza necessariamente com a literatura de viagens, contando-se alguns destes e outros nomes no elenco dos escritores desta área da escrita.

No âmbito da botânica exótica, o tratado dialógico de Garcia de Orta, *Colóquio dos Simples e Drogas e Cousas Medicinais da Índia* (Goa, 1563), ainda que fundamentado em Dioscórides e Plínio-o-Velho, representa um notável documento que só a literatura de viagens poderia inspirar, não deixando de referenciar-se o contributo de Tomé Pires e Duarte Barbosa para o registo da flora e fauna chinesas, ou de Frei João dos Santos (*Etiópia Oriental e Vária História de Cousas Notáveis do Oriente*), no que se refere à costa oriental do continente africano. O século XVIII viria a enriquecer o trabalho dos escritores quinhentistas com trabalhos sobre Moçambique, como o de Manuel Galvão da Silva (1783), ou sobre a Cochichina, como o do jesuíta João de Loureiro.

Dos relatos da *História Trágico-Marítima* avultam a descrição do exotismo brasileiro no XI relato, do jesuíta Gaspar Afonso, e o da ilha de Ceilão, no registo do padre Manuel Barradas. O poder de metamorfose cromática do genipavo, a ironia jocosa ao invertebrado chamado Preguiça, a sedução narcótica do tabaco, a atracção da palmeira, de cor dourada perene, e o convívio com a fauna selvagem são alguns dos exemplos de tais registos.

N' *Os Lusíadas*, poema da viagem por excelência, não podemos deixar de assinalar a descrição de fenómenos atmosféricos como o chamado *Fogo de Santelmo* e o da *tromba marítima*, bem como a expressiva caracterização da vulgar doença náutica do escorbuto. A representação da máquina do mundo, ainda que inspirada nos geógrafos gregos e latinos, não deixa de representar a astronomia da época, se bem que ultrapassada pelas descobertas de Galileu e Copérnico. A própria *Ilha de Vénus*, alegoria da glória dos viajantes lusos, embora produto da imaginação poética, não deixa de reflectir a experiência do autor com a realidade botânica oriental.

2. Literatura de viagens e ciências humanas

Se as ciências naturais são contempladas na literatura de viagens, na medida em que os espaços marítimo e terrestre, para não falar ainda do aéreo, constituem um ponto fulcral do seu objecto, as ciências humanas não o são menos. Com efeito, a poética do espanto e do deslumbramento não se limita ao exotismo do espaço, já que a descoberta de alguém, ao mesmo tempo semelhante e diferente, representa algo que fascina culturalmente o *homo viator*.

Neste sentido, a literatura de viagens constitui um precioso etnotexto¹⁷, para utilizarmos a designação de Jacques le Goff, algo que interliga as ciências humanas e as da vida, a chamada *Nova História* e a das mentalidades, algo centrado no homem existencial, que busca resposta a interrogações profundas, no equilíbrio psico-cultural entre matéria e espírito: “Cette histoire qui le prend tout entier en charge dans sa durée séculaire, qui l’éclaire sur les permanences et des changements, lui offre l’équilibre entre les éléments matériels et spirituels, l’économique et le mental, lui propose des choix sans les lui imposer”¹⁸.

Numa relação interdisciplinar com a antropologia, a etnologia, a geografia humana e a psicologia social, os textos da literatura de viagens confrontam o sujeito, individual e colectivo, com a problemática central da identidade/alteridade. Não se trata, como é óbvio, de uma visão estritamente científica do Próprio e do Outro, mas uma representação literária, logo subjectiva, de tais imagens culturais. Por isso, é necessário ultrapassar a dicotomia contemporânea do etnocentrismo *versus* relativismo, proposta por T. Todorov, quando abordamos textos de séculos anteriores. De resto, é o próprio analista e teorizador que apela para a virtude da sabedoria na aprendizagem das relações humanas, em face da complexidade da vida humana, ao evocar o pensamento de Montesquieu e de Rousseau: “C’est qu’ils savaient que, même si l’équité, le sens moral, la capacité de s’élever au-dessus de soi sont le propre de l’homme (contrairement à ce qu’affirment d’autres penseurs, pessimistes ou cyniques), le sont aussi l’égoïsme, le désir du pouvoir, le goût des solutions monolitiques. Les “défauts” de l’individu comme de la société en sont des caractéristiques aussi intrinsèques que leurs plus grandes qualités [...]. La sagesse n’est ni héréditaire ni contagieuse [...]. Le meilleur régime du monde n’est jamais que le moins mauvais, et même si l’on y vit, tout reste encore à faire. Apprendre à vivre avec les autres fait partie de cette sagesse-là”¹⁹.

De modo similar, neste diálogo intercultural, que representa uma longa e multissecular aprendizagem, importa também ultrapassar a dicotomia racionalismo *versus* empirismo, que opõe os antropólogos relativamente à cultura²⁰, tendo em conta que tal conceito, independentemente da existência

¹⁷ “[...] des textes littéraires ou d’archives témoignant les humbles réalités quotidiennes” (J. Le Goff, “L’Histoire Nouvelle”, in *La Nouvelle Histoire*, Paris, Seuil, 1978, p. 230).

¹⁸ *Id, ib*, p. 236.

¹⁹ T. Todorov, *Nous et les Autres – la réflexion française sur la diversité humaine*, Paris, Seuil, 1989, pp. 436. 437.

²⁰ Edmund Leach, *L’Unité de l’Homme et d’autres Essais*, trad. franc. Paris, Gallimard, 1980, pp. 8-13.

ou não de uma nítida linha de demarcação entre Natureza e Cultura²¹, aponta sempre para a inter-relação humana. Assim, a literatura de viagens, mesmo a etnocêntrica, configura sempre uma certa busca, ainda que instintiva, de aculturação, correspondendo, afinal, a uma exigência natural da condição humana, decorrente da sua caracterização social, como reconhecia Aristóteles.

Na *Crónica dos Feitos da Guiné*, Gomes Eanes de Azurara introduz o exotismo na literatura portuguesa, através da representação do Outro: os estranhos costumes dos habitantes das Canárias; a terna compaixão do narrador em relação aos escravos da Guiné, cuja partilha aguardam lacrimosamente.

A *Carta* de Pêro Vaz de Caminha na frescura da novidade do *achamento* da Terra de Vera Cruz, patenteia o primeiro registo antropológico dos Ameríndios (a cor, o rosto, o nariz, a nudez, os beijos furados, os cabelos, a cabeleira de penas, a habitação, a alimentação, a língua, a religião), de acordo com o objectivo: conhecer para cristianizar. Outros textos continuarão este retrato, na relação intercultural com os Europeus, como os de Pêro de Magalhães de Gândavo, dos padres Fernão Cardim, Manuel da Nóbrega e Anchieta.

Em relação ao Extremo Oriente, vários textos são representativos deste tecido de relações interculturais. Mas a *Peregrinação* de Fernão Mendes Pinto institui-se, desde logo, como texto cimeiro e singular dessa representação. Em consonância com uma maturação humana e cristã, o sujeito da escrita, identificando-se com o protagonista da história (pelo menos, em parte), dispõe-se a partilhar com os seus compatriotas, em especial o dedicatário familiar, o resultado da sua aprendizagem em 21 anos de peripécias pelo Extremo Oriente (prisão, escravatura, tortura, perseguição), fazendo um exame de consciência da identidade e do comportamento colectivos (o sábio chinês e a dicotomia ideologia/práxis ou fé/vida), a reputação de choramingas (a farsa palaciana na corte do Bungo) – irracionalidade *versus* contenção (*moderatio* ou *sympphrosynê*). Em contraste com a severidade da auto-análise, a descoberta fascinante do Outro (disforia *versus* euforia, xenofobia *versus* aculturação) origina o *exemplum* do exótico: a teosofia oriental, como mensagem intemporal; a civilização chinesa e a Metrópole do Mundo (Pequim); o despojamento interior – idolatria e ascese, *carma* e *nirvana*²². Aventura e lamentação, epopeia e sátira, crónica e mística, eis os principais ingredientes desse *livro do deslumbramento*, como lhe chamou Eduardo Lourenço²³.

²¹ Cf. *id.*, “Etnocentrismos”, in *Enciclopédia*, Einaudi, trad. port. nº 5, Lisboa, IN-CM, p. 139.

²² Cf. nossa tese de Mestrado, *As Lágrimas na Peregrinação de Fernão Mendes Pinto. Para um estudo semiótico, intertextual e sócio-cultural*, Lisboa, FCSH, 1989, *passim*.

²³ Eduardo Lourenço, “O Livro do Deslumbramento”, in *Oceanos*, nº 7, Lisboa, CNCDP, pp. 60-61.

No século XIX, dois romances ocupam posição cimeira na ribalta da temática da viagem: *Viagens na Minha Terra*, de Almeida Garrett, e *Os Maias*, de Eça de Queirós. Em relação a este último autor, merecem também destaque, pela tónica exotista, *A Relíquia*, sobre o Próximo Oriente, e *O Mandarin*, sobre a China.

Garrett, problematizando a questão do Portugal novo, saído da revolução liberal, deambula pela arte, pela literatura, pela filosofia e pela história com o à-vontade das viagens do nosso tempo, proclamando, apesar da falta de estradas, a supremacia das viagens nacionais em relação ao estrangeiro cosmopolita. Instaurando-se como intérprete privilegiado e guardião das tradições do povo, a quem considera a *poesia* da nação, em oposição à *prosa* dos *barões* materialistas²⁴, denuncia a insensibilidade e a inconsciência perante o património nacional, apelando poética e pateticamente à exurgência de Santarém, na linha salmódica e profética, segundo o paradigma de Jerusalém²⁵.

N' *Os Maias*, Eça, apesar da sedução parisiense e do exotismo das civilizações orientais, ergue, afinal, a **genuinidade** da identidade colectiva como bandeira contra a imitação grosseira do gosto estrangeiro, expressa nas botas “aguçadas e reviradas como proas de barcos varinos”²⁶. N' *A Cidade e as Serras*, o protagonista Jacinto acaba por descobrir, tal como Carlos da Maia, o encanto da serra portuguesa, em contraste com o enfado que a tecnologia oitocentista de Paris lhe proporcionou. De modo análogo, o Gonçalo d' *A Ilustre Casa de Ramires* lembra a João Gouveia o velho Portugal: “Até aquela antiguidade de raça, aqui pegada à sua velha Torre, há mil anos... Até agora aquele arranque para a África... Assim todo completo, com o bem, com o mal”²⁷. Com idêntico espírito nacionalista, o autor d' *A Relíquia*, apesar do magnetismo luxuriante do Egipto e da sedução das velhas pedras da Palestina, contrapõe, no prefácio do seu belo romance, tais encantos com a superioridade da paisagem portuguesa: “De resto, esse país do Evangelho, que tanto fascina a humanidade sensível, é bem menos interessante que o meu seco e paterno Alentejo: nem me parece que as terras, favorecidas por uma presença messiânica, ganhem jamais em graça ou esplendor. [...] O Jordão, fio de água barrento e peço que se arrasta entre areais, nem pode ser comparado a esse claro e suave Lima que lá baixo, ao fundo do Mosteiro, banha as raízes dos meus amieiros: e, todavia, vede! Estas meigas águas portuguesas não correram jamais entre os joelhos de um Messias, nem jamais as roçaram asas dos anjos, armados e rutilantes, trazendo do Céu à

²⁴ Cap. XLII.

²⁵ Cap. XL.

²⁶ Cap. XVIII.

²⁷ Cap. XII.

Terra as ameaças do Altíssimo!”²⁸. E, ao contrário de Fernão Mendes Pinto, na novela fantástico-satírica sobre o dinheiro *O Mandarim*, perpassa nas suas páginas uma imagem negativa da China: “Pequim é um monstro”²⁹, como uma “formidável cidade da Bíblia, Babel ou Nínive”³⁰, onde se api-nha, junto ao Templo do Céu, “uma legião de mendigos”, onde as mulheres “roíam ossos tranquilamente” e “cadáveres de crianças apodreciam ao lado, sob o voo dos moscardos”³¹.

No século XX, a literatura de viagens vem recuperando nos últimos decénios o lugar preponderante que os séculos precedentes lhe haviam conferido, notando-se uma particular atenção por parte dos estudos académicos e da crítica literária neste domínio. Na narrativa, destacamos, além do romance de Fernando Campos *A Casa do Pó*, sobre a viagem de Frei Pantaleão de Aveiro à Terra Santa, *Mau Tempo no Canal*, de Vitorino Nemésio, e *Memorial do Convento*, de José Saramago, como obras de assinalável incidência sobre o tema da viagem.

No primeiro romance, este tema conduz o leitor da pequenez insular açoriana à imensidão planetária (Europa, América, Extremo Oriente), ocupando a circum-navegação do imaginário e a metáfora da viagem (transformação do *tópos* em *trópos*) a referência normal do ser, do estar e do agir: “E todos riam, felizes daquela inesperada segurança de navio que atravessa a espessura de um tufão e se aguenta num resto de mar bravo, com algumas vigias partidas e os cabos derramados”³².

No segundo, além do espaço que as notícias do mundo setecentista, a Ocidente e a Oriente, ocupam na economia da narrativa e além da importância da permanente deambulação das personagens, a passarola do padre Bartolomeu Lourenço representa o sonho arquetípico de voar, na imagem metafórica da construção humana de um projecto, a partir da dialéctica do desânimo e do júbilo perante as dificuldades e as vitórias, inspirada no intertexto camoniano: “é como se finalmente tivessem abandonado o porto e as suas amarras para ir descobrir os caminhos ocultos, por isso se lhes aperta o coração tanto, quem sabe que perigos os esperam, que adamastores, que fogos de santelmo, acaso se levantam do mar, que ao longe se vê, trombas de água que vão sugar os ares e o tornam a dar salgado”³³.

²⁸ Prefácio do Autor.

²⁹ *O Mandarim*, Lisboa, Edição Livros do Brasil, s.d., p. 98.

³⁰ *Ib.*, p. 95.

³¹ *Ib.*, p. 94.

³² Vitorino Nemésio, *Mau Tempo no Canal*, 6ª ed., Lisboa, Bertrand, 1980, p. 256.

³³ José Saramago, *Memorial do Convento*, 6ª ed., Lisboa, Editorial Caminho, 1983, p. 201.

Conclusão

A observação da Natureza (*Physis*), na multiplicidade das suas vertentes, e a representação do comportamento e da condição humanos, a par do registo da cultura etnológica e antropológica (*Anthropos*) são objecto preferencial da chamada literatura de viagens. Não se trata de um discurso científico, no sentido que a expressão ganhou a partir do século XIX, quando o pendor positivista impôs a fragmentação e a cisão multidisciplinares, o código abstracto na formulação dos princípios básicos e das leis experimentalmente comprovadas, o rigor da objectividade e da denotação discursiva. Pelo contrário, no texto literário, o registo do conhecimento humano é filtrado pela perspectivação subjectiva de um narrador, atento e curioso relativamente ao objecto da sua observação e análise, mas do qual não se distancia friamente. O calor afectivo que envolve o alvo das suas afirmações, na linguagem quente das funções emotiva e poética, mais do que referencial, sem desvalorizar a pertinência da *epistémê*, enriquece o discurso, num equilíbrio entre forma e conteúdo, sentido estético e informação.

Ciência e paraciência constituem, pois, um binómio inseparável que faz da literatura de viagens uma sedutora expressão do conhecimento e da imagem humana do mundo.